



Um cavalo no hipermercado

Uma história de António Mota

Ilustrada por Sandra Serra







Título: Um cavalo no hipermercado

Autor: António Mota

Ilustrações: Sandra Serra

Capa e paginação: Espiral Inversa

Copyright 2011, Gailivro, uma chancela do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Telef.: +351214272200

Fax.: +351214272201

E-mail: Gailivro@gailivro.pt

www.gailivro.pt

1.ª Edição, outubro de 2011

ISBN: 9789895579891

Uma história de António Mota
ilustrada por Sandra Serra

Um cavalo no hipermercado



Ainda não contei a ninguém este segredo. Mas a verdade é que ando um bocado preocupado. Os meus sonhos não chegam ao fim, e nunca se repetem.

A semana passada, por exemplo, sonhei que tropecei numa bola de futebol que apareceu no meio do passeio, deixei cair o telemovel que levava na mão, desequilibrei-me, e caí dentro de um buraco, que se abriu de repente a entrada do prédio onde moro.

O buraco era estreitinho e nunca mais tinha fim. E eu, aterrorizado, não parava de voar para dentro da escuridão da terra a mil quilómetros a hora. Ou mais. Sentia-me igual a um foguetão, só que em vez de subir para o espaço, descia para o meio da terra.

Aquela descida para o desconhecido pôs-me o coração a bater com muita força, as mãos a enregelar e a barriga a doer imenso. Quis gritar:

— Socorro, ajudem-me! Liguem para o 112!

Esforcei-me imenso, mas não fui capaz, porque tinha a boca colada e, por mais que tentasse, não a conseguia abrir. Mesmo que pudesse falar era tempo perdido, porque não havia ninguém por perto para estender a mão.

O buraco era estreito e eu caía, caía, caía para dentro daquela escuridão imensa.

Angustiado, com vontade de vomitar, a barriga doendo por dentro e por fora, e as mãos enregeladas, comecei a pensar em muitas perguntas:

— Será que vou ter ao meio da Terra?

— Como é que eu faço para subir por este buraco, tão escuro e tão estreitinho?

— Como é que vou avisar a minha mãe
que preciso de ajuda?

— E se eu deixar de respirar?

— E se no fundo do buraco da terra esta um
monstro a minha espera com a boca aberta cheia de
dentes ainda mais fortes do que os dos tubarões?

— E se la estiverem labaredas com quilómetros
de altura, tão quentes como o Sol?

— Como é que a minha mãe vai descobrir que
estou aqui metido?



O sonho da viagem para dentro da Terra não chegou ao fim porque a minha mãe mexeu-me no cabelo, deu-me um beijo na testa, e disse:

– Bom dia, amor. Não te atrases.

Desde o primeiro dia em que fui para o infantário, a minha mãe acorda-me sempre com as mesmas palavras, mais doces que o açúcar, e tão leves como o orvalho:

– Bom dia, amor. Não te atrases.

Da-me outro beijo na testa, faz outra festa no cabelo, e desaparece do meu quarto.

Todas as manhãs, (menos as dos sabados e domingos), a minha mãe é uma pessoa muito apressada.

– Bom dia, amor. Não te atrases.

Às vezes, não me apetece sair da cama. Penso:

“Vou fechar os olhos dois minutos. Depois levanto-me. So vou estar aqui mais dois minutinhos. So mais dois minutinhos”.

Enrolo-me na quentura do edredão, fecho os olhos e, claro, volto a adormecer. Às vezes, muito apressado, aparece outro sonho. Mas eu não gosto desses sonhos porque são muito rápidos e bastante confusos.

– Artur! Artur! Artuuuuuuuuuuuuuuuuuuur!

A voz de minha mãe transforma-se em sirene de carro dos bombeiros a caminho de um incêndio.

Salto da cama, e respondo:

– Não é preciso gritar! Já me tinha levantado!

Volto a ouvir as palavras mais doces que o açúcar, e tão leves como o orvalho:

– Está bem, amor. Não te atrases.

Sei que minha mãe está na cozinha, porque é de lá que vem o cheiro bom do café. Também sei que ela segura a chavena com a mão esquerda e bebe o café aos golinhos com os olhos fechados. A minha mãe adora café, mas sem açúcar.



Ja tentei desenhar os meus sonhos no caderno de desenhos, que e pequeno, tem folhas brancas e uma capa preta. Eu gosto muito dele. Quem me deu esse caderno foi o meu avô Antonio. Além do caderno tambem me deu um conselho:

— Artur, guarda aqui tudo o que os teus olhos descobrirem. Olha que ha uma diferença muito grande entre olhar e ver.

— Esta bem, avô — disse eu, sem perceber muito bem a diferença entre ver e olhar.

O meu avô Antônio mora numa terra que se chama Pedrinha do Sol. Eu acho que e um nome muito engraçado. Uma vez por mês eu e minha mãe vamos visita-lo. Cada viagem demora duas horas e vinte e cinco minutos, e a minha mãe diz que fica muito cara, por causa das portagens que tem de pagar e da gasolina que o carro gasta.

Depois do meu avô Antonio me ter dado o caderno preto, comecei a olhar com mais atenção para as coisas grandes e para as coisas pequenas, para as que estão mais perto e para as que estão mais longe. Fiz muitas descobertas. E comecei a gostar de desenhar essas coisas naquele caderno especial.

Agora e o meu caderno de estimação. Eu gosto dele. Gosto muito.

Tenho tentado, tenho-me esforçado, mas ainda não fui capaz de desenhar sonhos no meu caderno de capa preta. Mas hei de conseguir.

Tenho de treinar mais.

Ontem, tive um sonho ainda mais estranho, mas que adorei.

Sonhei que era domingo, e eu estava deitado na minha cama a dormir, enrolado na quentura do edredão azul. De repente, uma voz muito rouca segredou-me no ouvido esquerdo:

— Acorda, Artuuuuuur !

Sem abrir os olhos fiz três perguntas a mim mesmo:

Primeira: quem é que estava no meu quarto a acordar-me com uma voz tão estranha?

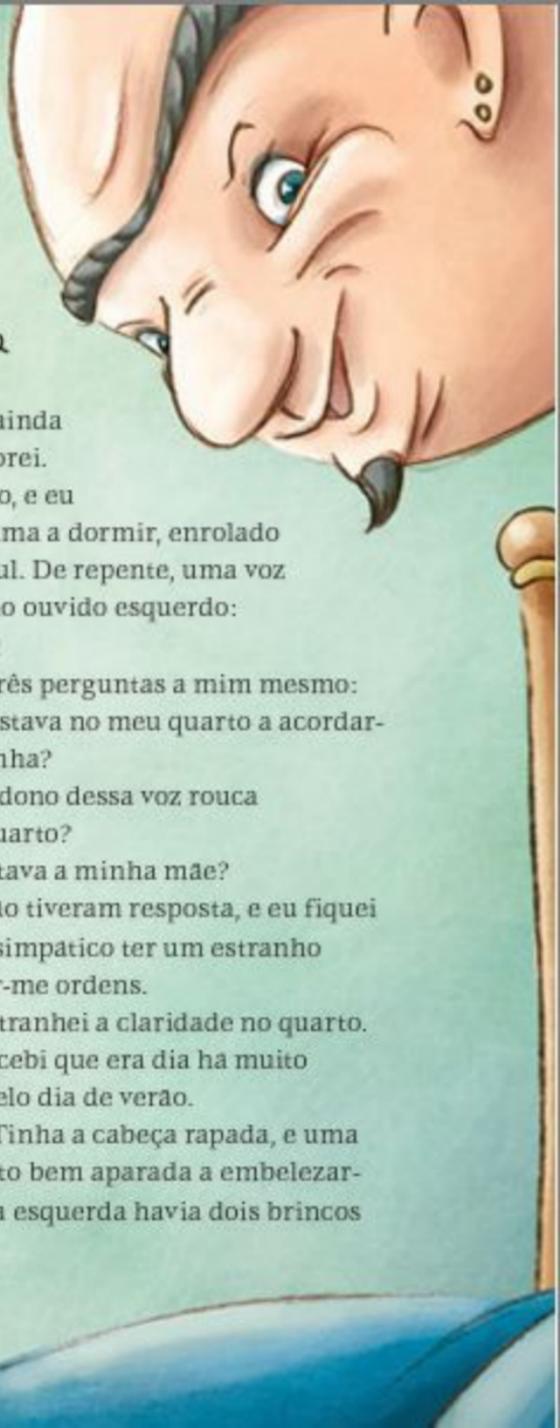
Segunda: como é que o dono dessa voz rouca conseguiu entrar no meu quarto?

Terceira: onde é que estava a minha mãe?

Essas três perguntas não tiveram resposta, e eu fiquei preocupado. Não era nada simpático ter um estranho dentro do meu quarto a dar-me ordens.

Abri o olho direito, e estranhei a claridade no quarto. Abri o olho esquerdo, e percebi que era dia há muito tempo, um dia de sol, um belo dia de verão.

Depois vi um homem. Tinha a cabeça rapada, e uma perinha muito preta e muito bem aparada a embelezar-lhe o queixo. Na sua orelha esquerda havia dois brincos pequenos, com brilhantes.



– Sai da cama, Artuuuuuur! – voltou a falar o homem dos brincos brilhantes.

Abri os olhos e espantei-me:

– Avó? O que é que estas aqui a fazer? O que aconteceu?

O meu avô Antonio sorriu. E eu reparei na sua camisola preta, de manga curta. Vestia calças de ganga azul, muito coçadas, e calçava umas sapatilhas brancas.

– O que aconteceu, avó? – voltei a perguntar, espantado.

– Apeteceu-me mudar o visual. Não posso?

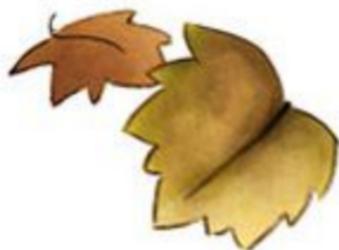
– Podes – disse eu. – Mas explica-me o que é que estás a fazer no meu quarto?

– Apeteceu-me aparecer aqui. Não posso?

– Podes, claro que podes – disse eu. – Mas porque é que vieste hoje? Não precisavas de me acordar tão cedo.

– Vim hoje porque é domingo, há sol, um sol esplêndido, e eu quero que conheças um amigo. Mas como era muito complicado subir até ao quinto andar, ou esperar por ti junto da porta do prédio, ele ficou na praceta, por baixo daquele plátano que tem o tronco cheio de corações.

– Ah! – disse eu.



E pus-me a pensar nesse plátano. A vê-lo com os olhos fechados. Sempre o conheci assim, enorme, imenso, com muitos ramos agarrados ao tronco grosso. Com muitas setas e corações marcados na sua casca esverdeada.

Há pouco tempo descobri, com a ajuda da minha mãe, que aquele velho plátano que está na praceta também pode servir como calendário, porque é capaz de dar informações sobre estações que vão acontecendo ao longo do ano.

Na primavera os ramos ficam cheios de rebentos e folhas muito verdes.

Nos dias muito quentes de verão, a copa imensa do plátano oferece sombra e fresquidão sem pedir nada em troca.

Anuncia o outono quando as suas folhas começam a ficar muito amarelas. Depois desprendem-se, voam um bocadinho, fazendo lembrar estranhas borboletas, aterram no chão, e ali ficam à espera que alguém as venha recolher.

É inverno quando o plátano deixa de ter folhas a vesti-lo. Fica nu, apenas tronco e braços levantados para o céu, ali no meio da praceta, à espera que os pássaros lhe façam companhia.



O sonho, tão bom e tão estranho, continuou:

Saltei da cama, lavei a cara, escovei os dentes, e vesti uma t-shirt amarela que tinha a seguinte frase com letras brancas, enormes, no peito e nas costas:

NÃO ATRAPALHES

Quem me deu essa t-shirt, que eu adoro, foi a minha amiga Inês, que mora no segundo esquerdo. Ofereceu-me no dia em que fiz anos. Ela disse-me que eu tinha apanhado o habito de andar sempre a repetir essa frase. Assim já não precisava de falar, bastava apontar para a t-shirt.

A primeira vez que vesti a t-shirt fiquei desapontado porque era muito grande. E eu gostava que ela ficasse justa ao corpo. Mas agora, esta um bocadinho menos, porque tenho crescido imenso. É bom saber que estamos sempre a crescer mesmo enquanto dormimos.

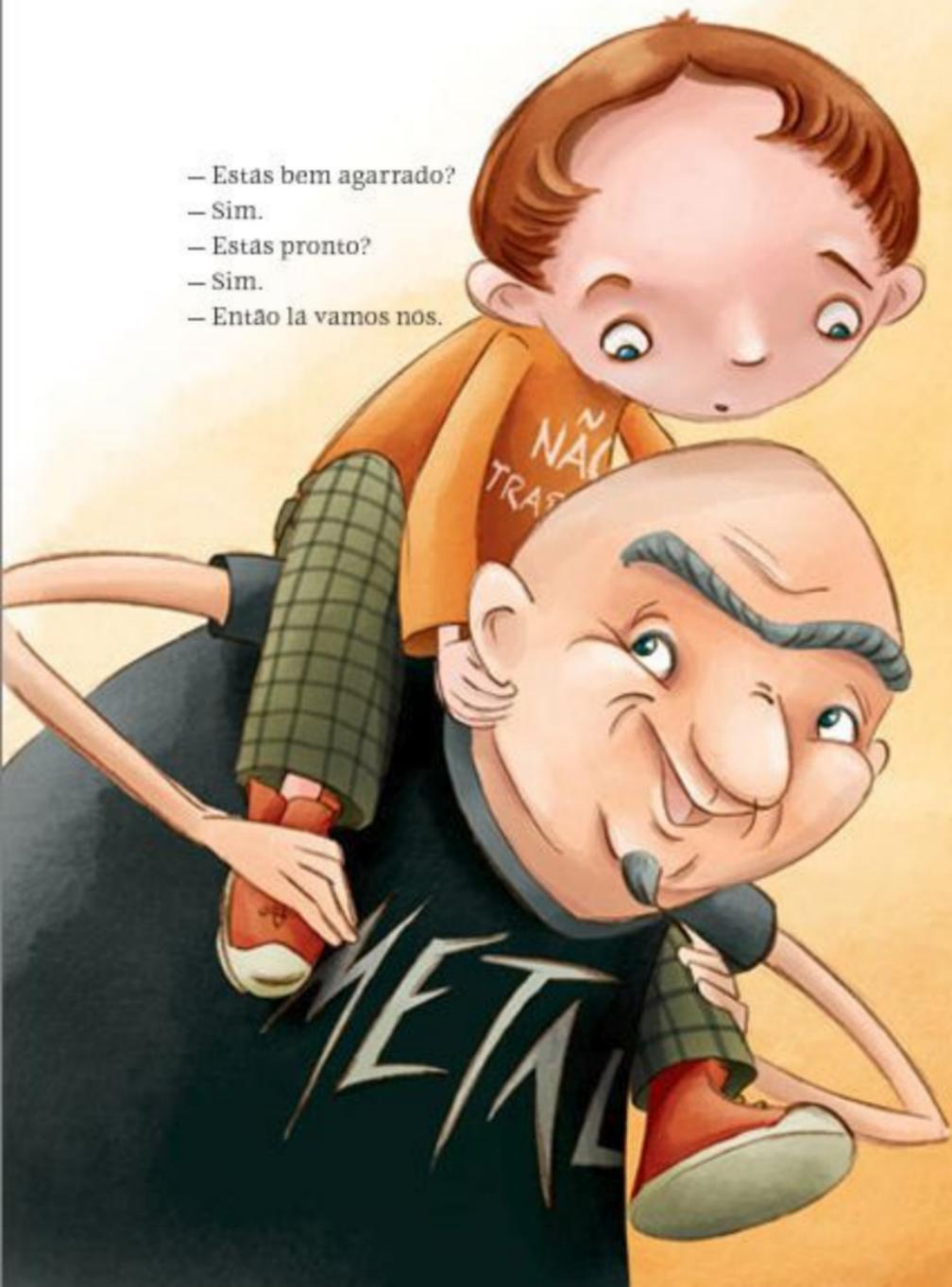
Qualquer dia começam a nascer-me pelos na cara, e eu tenho de começar a cortar a barba todos os dias de manhã como fazia o meu pai quando morava cá em casa.

Vesti umas calças largas, cheias de bolsos, calcei as minhas sapatilhas velhinhas, que adoro, e fui atrás do meu avô, que me disse, no meio da sala:

— Agarra-te a mim com os dois braços.

Pus-me as costas do meu avô e abracei-o com força.

- Estas bem agarrado?
- Sim.
- Estas pronto?
- Sim.
- Então lá vamos nos.







Não foi preciso abrir a porta de entrada, nem ir pelo elevador, nem descer as escadas. O avô resolveu sair pela janela da sala. Quando me apercebi que estava fora do prédio, e não podia pôr os pés em lado nenhum, fiquei muito aflito.

– Onde é que aprendeste a voar, avô? – perguntei, admirado, e com medo de cair no meio da rua.

– Aprendi num sítio da internet.

– So?

– E chega.

Mas eu bem via que aquela loucura do meu avô podia ter um triste fim. Insisti:

– Voa, avô! Voa, avô! Voa depressa!

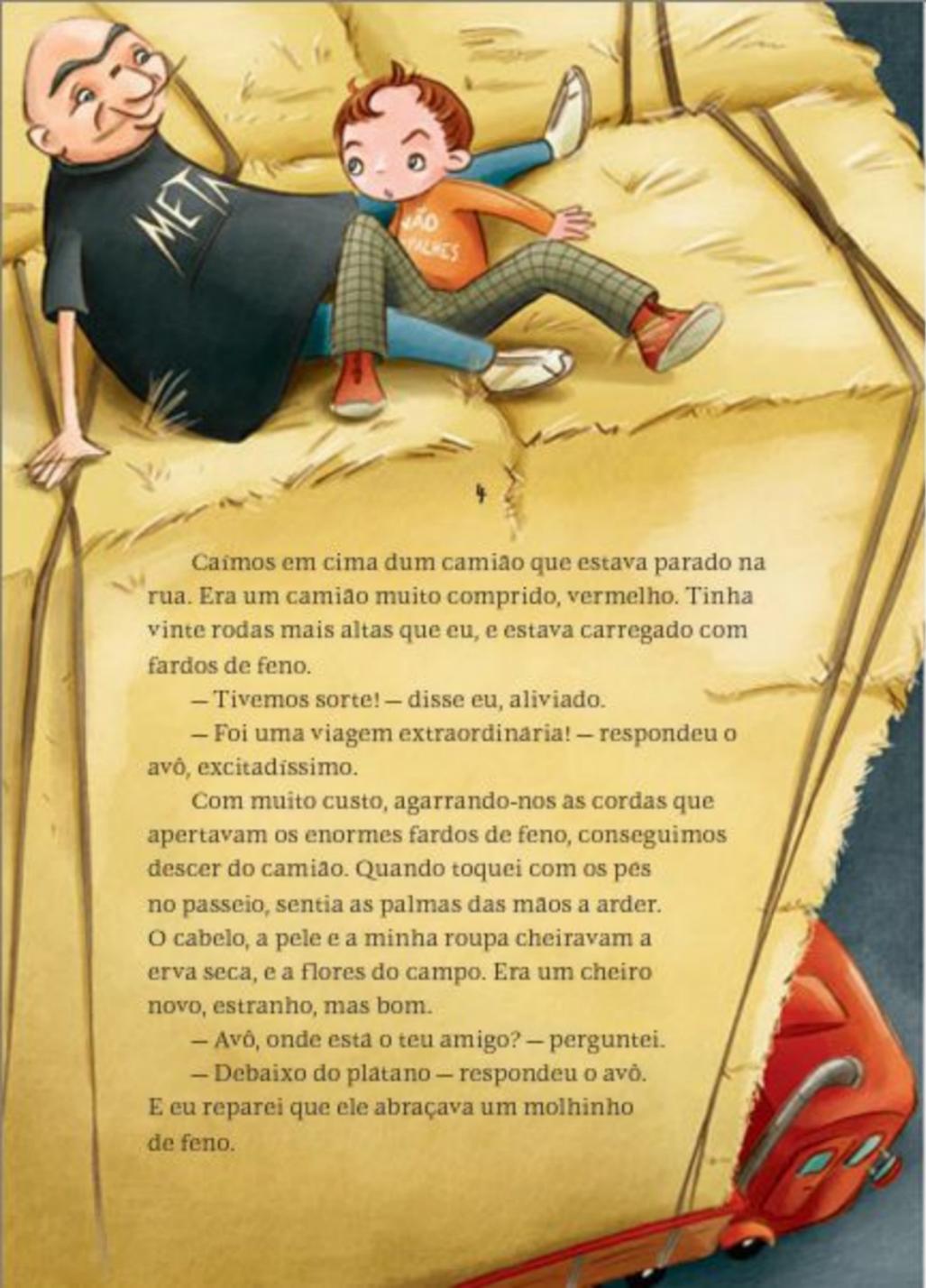
– Mas eu não tenho asas... – respondeu o meu avô, rindo. Fartava-se de dar gargalhadas e não fazia nada.

Como estávamos a descer muito depressa, chocamos com um bando de pombos, que logo começaram a atacarnos com os bicos e as patas. Eu fiquei muito preocupado. Sabia que não me podia defender porque tinha as mãos entrelaçadas e os braços colados ao peito do meu avô.

– Foge, avô! Voa, avô! Voa depressa! – gritei com todas as minhas forças.

– Mas eu não tenho asas... – respondia o meu avô. E dava gargalhadas e mais gargalhadas, muito contente.

Muito aflito, com o coração a fazer tanto barulho como um tambor, fechei os olhos e não fui capaz de dizer mais nada.



Caimos em cima dum camião que estava parado na rua. Era um camião muito comprido, vermelho. Tinha vinte rodas mais altas que eu, e estava carregado com fardos de feno.

– Tivemos sorte! – disse eu, aliviado.

– Foi uma viagem extraordinária! – respondeu o avô, excitadíssimo.

Com muito custo, agarrando-nos as cordas que apertavam os enormes fardos de feno, conseguimos descer do camião. Quando toquei com os pés no passeio, sentia as palmas das mãos a arder. O cabelo, a pele e a minha roupa cheiravam a erva seca, e a flores do campo. Era um cheiro novo, estranho, mas bom.

– Avô, onde está o teu amigo? – perguntei.

– Debaixo do platano – respondeu o avô.

E eu reparei que ele abraçava um molhinho de feno.



— Pois — disse eu.

Passamos pela entrada do meu prédio, atravessamos a rua, viramos a esquerda.

Passamos pela Lojinha da Minda, uma loja que vende fruta, flores e frascos de mel.

Passamos pela Padaria Celeste, que vende o pão que comemos em casa.

Passamos pela Cabeleireira Beta, que é onde a minha mãe vai pintar e arranjar o cabelo.

Passamos pela Papelaria Sandra, onde às vezes compro os cadernos, os lápis e os livros.

Passamos pelo Talho Vitelinha do Prado e também pela Farmácia Barbosa, onde minha mãe entra de vez em quando.

Passamos pelo Quiosque Fonte de Mel, cheio de revistas e jornais estendidos ao sol. Lá dentro estava um senhor muito magrinho. Tinha mãos compridas, muito brancas, dedos finos, e uns óculos de massa, pretos, muito graduados, estacionados na ponta do nariz. Chama-se senhor Medeiros, e diz-me adeus com a mão esquerda, quase transparente, sempre que me vê.

Eu gosto que ele me diga adeus. E eu também digo adeus com a minha mão direita.

O quiosque Fonte de Mel é um nome muito engraçado. A minha mãe disse-me que o senhor Medeiros é poeta.



Não sei como é que minha mãe sabe que o senhor Medeiros é poeta. A minha mãe ensinou-me que os poetas são pessoas muito especiais.

O senhor Medeiros acena-me com a mão esquerda, quase transparente. E eu faço o mesmo com a minha mão direita, e continuo a caminhada, sempre atrás do meu avô.

Passamos pelo sapataria Sarita, pelo café Catespero e pela Megabite, a loja de informática que fica junto da paragem dos autocarros.

No meio da praceta, junto de um banco, estava o plátano cheio de corações. À beira desses corações havia um cavalo muito alto, muito negro e muito elegante.

– Avô, o teu amigo já foi embora! – disse eu.

– Estas bem enganado! Ele está a nossa espera. E bem se vê que está calmo.

– Não estou a vê-lo.

– Então não o vês? Está junto do plátano.

– O cavalo?

– Sim, aquele cavalo é meu amigo. Chama-se Kalil. Apareceu ontem em minha casa. É um cavalo extraordinário. Kalil consegue ler os nossos pensamentos. E faz coisas que tu nunca viste fazer? Queres experimentar?

– Sim, por favor! Sim, por favor!

– Tu es corajoso?

– Sou!

– Então prepara-te para as surpresas que te esperam.

A large illustration on the left side of the page shows a close-up of a dark grey horse's head. The horse has long, flowing grey hair and a dark eye. A young boy with short brown hair, wearing an orange shirt, is reaching up with his right hand to touch the horse's muzzle. The background is a soft, light blue and green gradient.

Quando fiquei junto de Kalil, reparei que ele me observava com os seus olhos negros, tão grandes e tão meigos.

– Kalil, podemos montar? – perguntou o meu avô Antonio.

O cavalo relinchou três vezes, e eu reparei nos seus dentes enormes e branquíssimos.

– Avô, eu nunca montei um cavalo – disse eu, preocupado.

– Não custa nada. O Kalil ensina-te.

O cavalo, que não parava de me observar com muita atenção, voltou a relinchar. Mas, desta vez, foi um relincho que durou muito tempo.

– O Kalil está à espera que o cumprimentes. Toca-lhe! – disse meu avô.

Pousei a palma da minha mão no focinho do cavalo, e disse:

— Kalil!, Kalil!

As orelhas do cavalo mexeram-se, a cauda peluda levantou-se, e eu descobri que o seu focinho era muito quente. Tão quente, que me deixou a mão a esquentar. E eu disse:

— És tão quentinho, Kalil.

O cavalo voltou a relinchar. Depois ajoelhou-se, devagar, com muito cuidado.

— Monta! — disse o meu avô.

— Não consigo, tenho medo — respondi, com a mão a esquentar metida num dos muitos bolsos das minhas calças.

— Não custa nada. Vamos juntos — disse o meu avô.

Meu avô e eu montámos sem nenhuma dificuldade no dorso do cavalo.

— Avança, Kalil — disse meu avô fazendo-lhe festinhas no pescoço.

O cavalo levantou-se muito depressa. E eu fiquei preocupado quando descobri que era muito mais forte e muito mais alto do que eu pensava.

— Artur, para onde queres ir? — perguntou o meu avô.

Comecei a pensar, mas não conseguia lembrar-me de um sítio interessante. Tentava concentrar-me, mas ali, em cima do cavalo, empoleirado naquelas alturas, não me lembrava de nada. Por mais que pensasse só conseguia ver a boca escura de um túnel muito baixinho.

— Não vamos ficar aqui o tempo todo, pois não? — disse o meu avô, contrariado com a minha indecisão. Assim pressionado, eu só pensava no túnel que estava sempre a encolher.

— Decide-te, Artur! — disse o meu avô, cheio de pressa.

De repente lembrei-me das montanhas cobertas de neve, e de prados com ervas muito verdes e flores amarelas, azuis, roxas e vermelhas, que eu nunca tinha visitado. A seguir, pensei numa ilha fantástica que podia existir no meio do universo.

Estava ocupado com estes pensamentos quando o telemóvel do meu avô começou a dar umas gargalhadas muito estranhas.

O avô tirou o telefone da bolsinha preta que trazia pendurada ao peito, olhou para o visor e antes de atender, avisou-me:

— É a tua mãe.

Kalil voltou a relinchar, abanou várias vezes a cauda, mexeu muitas vezes as orelhas.

— Sim, estamos aqui, e estamos muito bem — disse o avô.

A minha mãe desatou a falar, a falar, a falar. O Avô ouvia, calado. Depois começou a escrever com a ponta do dedo no visor do telemóvel.

Acenava com a cabeça, escrevia e de vez em quando dizia:

— Sim. Entendido. Certo.
Entendido. Sim. Pois. Esta
bem. Sim. Entendi. Já escrevi...
Até já.

— Até já? — estranhei.

— Toda a comida
que havia em tua
casa desapareceu
misteriosamente. A tua mãe
pediu-nos para irmos as
compras. Tenho aqui a lista.

E começou a ler:

— Azeite, cereais, ovos,
leite, manteiga, arroz, feijão,
café, batatas, massa, alfaces,
tomates, fruta da época,
conservas, carne, peixe, salsa,
cebolas, salsa e coentros.
Temos muito que fazer.

— Avô, já não vamos
montar a cavalo? — perguntei,
desiludido.





O meu avô não chegou a responder porque, de repente, Kalil levantou as patas dianteiras, soltou um breve relincho, e começou a galopar. O meu avô abraçou-se ao pescoço do cavalo, e eu pus os meus braços à volta do peito do meu avô e comecei a gritar.

– Voa, Kalil, voa Kalil!

– Agora não, agora não! – pedia o meu avô.

– Agora sim, agora sim! – dizia eu, sentindo o vento a enregelar-me as mãos.

Indiferente aos nossos desejos, Kalil galopava sem parar. De repente, estávamos num sítio onde havia cogumelos e amoras, marmeleiros com marmelos maduros, aveleiras carregadas de avelãs, castanheiros cheios de ouriços que tinham dentro castanhas, limoeiros carregados de limões, damasqueiros com seus damascos, pessegueiros e seus belos pêssegos, oliveiras carregadas de azeitonas muito pretas, laranjeiras e tangerineiras e fileiras de quivis carregados com seus frutos castanhos, cachos de uvas agarrados as videiras.

– Onde vais, Kalil? – perguntava o meu avô, preocupadíssimo.





O cavalo respondeu com um breve relincho, e continuou a cavalgar a uma velocidade vertiginosa. Aflito, fechei os olhos. E quando os abri, descobri que estávamos a passar junto de uma seara que parecia não ter fim, com suas espigas de trigo, que o vento embalava suavemente.

Kalil parou de repente e depois seguiu por um trilho muito estreito. Do lado direito e do lado esquerdo do trilho havia muita água e arrozais a perder de vista.

Logo a seguir, estávamos perdidos no meio de um campo repleto com milhões e milhões de milheiros carregados com maçarocas de milho.

— Onde vais Kalil ? — fartava-se de perguntar o meu avô.

O cavalo soltava curtos relinchos e continuava o seu galope no meio daquela terra tão fresca, onde cresciam aboboras, pimentos, pepinos, melancias e melões, couves,





beringelas, nabos, tomates,
repolhos, favas, ervilhas e feijão
verde.

– Tenho de ir as compras, cavalinho
e já estou a ficar enjoado – disse o avô.

Kalil relinchou três vezes e parou mesmo em frente
de uma janela gigante. E eu vi milhares e milhares de
frangos, patos e perus, e galinhas que punham ovos.
Também vimos milhares de porquinhos muito rosados
e brincalhões, e suas mães, gordíssimas, gigantescas.

Mais adiante havia vacas comendo da erva que
enchia as manjedouras.

– Por favor, Kalil, leva-me as compras! – pediu o avô.

O cavalo fez uma pirueta, relinchou suavemente
e voltou a fazer o que mais adorava: galopar, galopar,
galopar, mal tocando com as ferraduras no chão.

Desta vez a velocidade era maior, e eu voltei a
sentir um ventinho frio a beijar-me a ponta do nariz e a
beliscar-me as pontas das orelhas.





Depois de termos passado por campos onde havia batatas, cebolas, alhos e beringelas, Kalil deu um salto da margem esquerda para a margem direita de um rio e ficou suspenso no ar.

— Pousa, Kalil, tenho os braços cansados de tanto me agarrar ao teu pescoço. Por favor, Kalil, pousa! — pedia o avô Antonio.

O cavalo relinchou e demorou bastante tempo a pousar as patas na margem direita do rio, que tinha no seu leito cardumes de peixes com guelras, escamas e barbatanas.

Kalil levou-nos durante algum tempo pela margem direita do rio. Depois passou por cima de uma ponte muito alta e tão comprida, que parecia não ter fim. A meio da ponte, vimos um bocadinho de mar e, lá ao longe, barcos de pesca.

Dez gaiotas, curiosas, começaram a seguir-nos, mas Kalil voltou a cavalgar com toda a sua força. Incapazes de o acompanharem, elas desistiram, fazendo uma enormíssima gritaria.

Quando a ponte chegou ao fim, Kalil passou por uma terra onde havia uma feira com muitas barracas, umas maiores, outras mais pequenas, e muita gente atarefada a comprar e a vender tudo o que se possa imaginar. E muitas crianças se espantaram por verem um avô e um neto em cima de um cavalo que mal tocava com as ferraduras no chão.

De repente, estávamos a porta de um hipermercado. Muita gente entrava, muita gente saía, uns empurravam carrinhos cheios de compras, outros traziam um ou dois sacos na mão, e outros nada traziam.

Dois homens que tinham casacos, calças, camisas, gravatas, sapatos e penteados iguais correram na nossa direção, e disseram:

– Os parques de estacionamento estão completos. O cavalo não pode entrar.

Kalil abanou a cabeça, relinchou duas vezes e, de repente, transpôs a porta principal do hipermercado.

Trotando com suavidade e elegância, Kalil passou pelo meio das prateleiras e expositores e espantou muita gente.

Os clientes e os funcionários com suas fardas elegantes desataram a correr a frente do cavalo. Pareciam carreirinhos de formigas apressadas. As pessoas mais idosas, apoiadas nas suas bengalas, encostavam-se as prateleiras e olhavam assombradas para o cavalo, para mim e para meu avô. Outras pessoas, mais destemidas, sorriam e tiravam fotografias com os seus telemóveis.

Em pouco tempo Kalil passou junto da peixaria, do talho e da padaria. Depois de ter passado pelas prateleiras cheias com latas, frascos e caixas de conservas, e das embalagens que guardavam arroz e massas de muitas qualidades, o cavalo parou junto das frutas e legumes. E nunca mais parou de olhar para as cenouras, gordas, tenras e frescas, que enchiam um expositor.

Nesse instante, pelos altifalantes do hipermercado, uma voz serena avisou:

– Atenção, ha um cavalo no hipermercado. Mas e só por alguns instantes. Muito obrigado pela vossa compreensão.



– Vamos embora, Kalil, vamos embora, antes que apareçam os homens da segurança – gemeu meu avô, coçando a cabeça careca.

– Vamos sair daqui, Kalil, por favor – pedi com muita ternura.

Kalil não retirava o olhar das cenouras.

– Ele quer cenouras – disse eu.

– Agora não pode ser. Temos de sair deste espaço – respondeu o meu avô.

Kalil não ligou importância a nossa conversa. Baixou a cabeça e desatou a comer uma cenoura muito gorda e tão comprida como a minha perna.

– Temos de fazer as compras que a tua mãe pediu! – disse meu avô.

– Pois temos, disse eu. E como é que vamos fazer? – perguntei.

– Não sei – murmurou o avô, coçando a cabeça careca.

De repente, uma menina com um cabelo muito negro e muito encaracolado, pôs-se na frente do cavalo.



Kalil relinchou duas vezes, abanou a cabeça e as orelhas e começou a mexer-se.

– Como se chama o cavalo? – perguntou a menina.

– Kalil – disse eu.

– É tão bonito. Posso fazer-lhe uma festinha?

– Sim.

A menina de cabelos muito encaracolados passou a mão pela cabeça de Kalil.

– Gostava tanto de andar a cavalo! – suspirou a menina de cabelos pretos e muito encaracolados.

O cavalo ajoelhou-se, devagar, com muito cuidado.

– Aproveita! – disse eu.

– Mas eu nunca montei um cavalo – disse a menina, preocupada.

– Não custa nada. O Kalil ensina-te. Toca-lhe! – disse meu avô.

A menina pousou a mão no focinho do cavalo, e disse:

– Kalil! Kalil!

O cavalo levantou-se, fez uma pirueta, e por entre as estantes e corredores, caminhou para a saída do hipermercado. Quando o céu passou a ver-se, a menina abraçou-se ao pescoço do cavalo e começou a gritar.

– Voa, Kalil, voa Kalil!

E Kalil começou a voar, como se fosse uma águia imensa. Subia para o céu sem se preocupar com as faíscas que saíam das nuvens e iam cair no mar.

– Para onde vamos, Kalil? – perguntei.

Kalil relinchou duas vezes.

Esperava que Kalil me respondesse, mas nada mais aconteceu porque a minha mãe mexeu-me no cabelo, deu-me um beijo na testa e disse:

– Bom dia, amor. Não te atrases.

O sonho acabou e eu fiquei sem saber o que aconteceu ao cavalo, fiquei sem saber onde é que ele mora, não sei como é o nome da menina de cabelo preto e encaracolado que adorava aventuras.

Como os meus sonhos não chegam ao fim e nunca se repetem, vou começar a imaginar as partes que faltam. E a desenhá-las no meu caderno de estimação.

É melhor assim.

Portelas, 9 de junho de 2011









